

**IDENTIDADE, CULTURA E LÍNGUA EM RORAIMA
NA VISÃO DE UM ÍNDIO MAKUXI**

Maria do Socorro Melo Araújo (UERR)

araujomsocorro@gmail.com

Fabricio Paiva Mota (UFRR)

fabricaos@yahoo.com.br

1. Introdução

Identidade, cultura e língua têm conceitos complexos, aqui tratados à luz de teóricos e analisados a partir de um recorte de entrevista do ponto de vista de um índio macuxi da comunidade Contão, Terra Indígena Raposa Serra do Sol, em Roraima; bacharel em direito e tuxaua⁵⁹ da comunidade. No estado é comum se ver nomes de ruas, praças, órgãos públicos e pessoas em língua indígena; o folclore, a culinária e a língua são compostos por elementos trazidos da cultura indígena, como também de quase todos os estados do país representados pela população de migrantes que compõem o Estado.

Trata-se de uma pesquisa descritiva, com natureza qualitativa; e a coleta dos dados deu-se pelo instrumento da entrevista com apenas uma questão semidirigida registrada com o auxílio de um gravador de áudio.

A estrutura deste artigo está delineada da seguinte forma: primeiro apresenta-se a questão problema que deu origem ao estudo, como forma de situar o leitor. Em seguida, fundamenta-se com teóricos a partir de possíveis conceitos para subsidiar a discussão; análise do recorte da entrevista, que procura relacionar os pontos de vista dos autores com a fala do indígena. Por fim, foram feitas algumas considerações sobre o estudo em pauta.

2. Identidade, cultura e língua

Inicia-se a discussão explicando que os linguistas aplicados, além dos sociólogos e antropólogos buscam identificar marcas, através do estudo da linguagem, que relacionam homem e sociedade. A relação ho-

⁵⁹ O termo *tuxaua* é derivado do tupi e significa o líder da comunidade, pessoa que exerce influência sobre o grupo, é a referência política do lugar.

mem x meio data dos mais longínquos tempos, dada à necessidade de se comunicar, de construir história, de delimitar territórios, além da característica básica do ser humano de conviver em sociedade.

Para Bortoni-Ricardo (2005, p. 177), “os fenômenos sociais são negociados e mantidos por meio de processos intersubjetivos de construção do significado entre o ‘eu’ e o ‘tu’. Por isso dá especial relevância ao papel do interlocutor”. A autora defende uma “negociação entre o indivíduo e a sociedade” (BORTONI-RICARDO, 2005), uma troca no momento em que o homem marca, não só pela necessidade, mas pelo sentimento e emoção, as ‘coisas’ do mundo, num processo de significação e ressignificação da realidade social.

É importante perceber porque as pessoas se assumem como pertencentes a determinado grupo e se identificam com ele através de símbolos e de relações sociais. Por esse viés chega-se a uma possível conceitualização de identidade (WOODWARD, 2000, p. 15). No entanto, o conceito não se parece fechado para a autora que levanta alguns questionamentos quanto à construção da identidade “A identidade é fixa?”, “Podemos encontrar uma ‘verdadeira’ identidade?” (*op. cit.*, p. 13). Para discutir estas questões, bem como relacioná-las com outros conceitos que serão imprescindíveis para compreender o assunto, busca-se Silva (2000, p. 84). Para ele o

processo de produção da identidade oscila entre dois movimentos: de um lado estão aqueles processos que tendem a fixar e a estabilizar a identidade; de outro estão os processos que tendem subvertê-la, desestabilizá-la... A fixação é uma tendência e, ao mesmo tempo uma impossibilidade.

O recurso da biologia, o gênero masculino, usado como argumento de domínio, esse é um movimento dinâmico da identidade, como diz Silva. No entanto, acrescenta que isso já não faz o mesmo efeito para fixar a identidade (identidades nacionais). Para exemplificar este movimento os recursos mais comuns são “os essencialismos culturais”, tais como cultos a lendas e mitos fundadores, que se pode entender por um gesto ou ação do passado, praticada por um ‘herói’ e que tenha marcado a história de uma comunidade.

Vale explicar mais um pouco sobre identidades nacionais. De acordo com Anderson (1983, p. 14), essas identidades são “comunidades imaginadas”, imaginadas porque jamais os membros de uma nação se conhecerão na totalidade, ou pelo menos ouvirão falar um do outro, mesmo assim compartilham de um mesmo espírito patriota. Como não há

comunidade natural, por si mesmas, é comum que o nacionalismo seja inventado, imposto politicamente, de tal forma que fixação da identidade seja a extensão de um grande parentesco. “A nação é imaginada como comunidade porque, sem considerar a desigualdade e a exploração que atualmente acontece em todas elas, a nação é sempre concebida como um companheirismo profundo e horizontal” (*op. cit.*, p. 16). Esse espírito de irmandade que emana dos membros de uma comunidade imaginada é capaz de gerar conflitos sérios entre as nações, em defesa do que se chama de amor à pátria.

Pela capacidade de contribuir como principal elemento de marcação histórica e de imposições de poder político, a língua é usada como recurso de fixação de identidades. No entanto, como ocorre com a identidade, há uma incoerência, como menciona Silva (*op. cit.*, 84), não se podem desprezar os seus mecanismos discursivos e linguísticos, uma vez que ela se constrói na relação com o outro, por isso caracteriza-se como instável e indeterminada.

Para Souza (1994, p. 13) a “identidade não é apenas uma faceta do sujeito, mas uma faceta que muda a cada instante em que o sujeito efetivamente diz o que tem a dizer”. Confere o autor que a identidade não se constrói por si, mas na interação com o outro, na realização do discurso e se transforma de acordo suas identificações, ponto de vista compartilhado por Silva e por Freitas, posteriormente.

Nesse sentido, entende-se que é a partir de manifestações do sujeito no contexto social que se propõe desenhar a identidade de um povo. Ratifica Freitas (2008, p. 105), “o espaço de construção de identidades é o discurso, as marcas físicas são apenas simbólicas e utilizadas no discurso quando é do interesse de um dos interlocutores”. A autora acrescenta que assim como as características físicas, a língua está intensamente relacionada à identidade. Segundo a autora (*op. cit.*, p. 105-106),

a língua é um dos elementos mais apontados, e cobrados, como característica de identidade, esquecendo-se muitas vezes que é apenas um entre um conjunto de traços que compõem o sentir-se pertencente a uma comunidade específica. Neste cenário, encontramos situações de conflito, principalmente em relação a comunidades majoritárias política e economicamente marcadas.

Como disse Freitas, a língua é “apenas um entre um conjunto de traços” que marcam a identidade de uma comunidade. Esta, portanto, não é tão simples como parece. O seu caráter político sedimenta o nacionalismo, dizem Cox e Assis Peterson (2007, p. 49) ou leva a situações de conflitos, como disse Freitas, concordando com Anderson (1983).

Para Mello (1999, p. 23), a língua é uma realização social e, portanto, atrelada à vida, à cultura e à história de uma comunidade. Para a autora é fantasia achar que

cada país possui uma língua falada de forma uniforme por todos aqueles que vivem dentro dos limites de suas fronteiras... pois as línguas se mesclam, se misturam em um mesmo território, sem obedecer aos limites geográficos de suas fronteiras e, o mais importante ainda, sem se confundirem.

Dessa forma, num mesmo contexto social as línguas podem conviver com suas marcas, cultivar as suas crenças, enaltecer os seus valores e os modos de falar. O resultado desse convívio é um mix que faz com que os grupos se singularizem. Para a autora é impossível que haja dois grupos sociais homogêneos, inclusive no aspecto linguístico.

Outro fator preponderante para o estudo é a cultura, que assim como a língua é característica determinante da identidade de uma comunidade. Cox e Assis Peterson (*op. cit.*, p. 29-30) citam um dos conceitos de cultura abordado por Durandí, numa visão cognitiva, o qual remete a Goodenough (1964), num discurso indireto, afirmando que:

Cultura não é um fenômeno material, não consiste de coisas, pessoas, comportamentos ou emoções, mas é uma organização dessas coisas. São formas das coisas que as pessoas têm em mente, seus modos de perceber, relacionar e interpretar. Conhecer uma cultura é como conhecer uma língua. Ambas são realidades mentais. Descrever uma cultura é como descrever uma língua.

As duas afirmativas, a primeira que cultura não é um fenômeno material e a segunda que faz analogia entre descrever uma língua e uma cultura, corroboram com a ideia de que ambas se fundem para caracterizar a identidade de uma comunidade. Para as autoras há uma variedade de conceitos como pluralismo cultural, diversidade cultural ou multiculturalismo que não são suficientes para traduzir uma realidade em constante estado de fluidez.

Na tentativa de aproximar-se o máximo possível dessa realidade, Cox e Assis Peterson (*op. cit.*, p. 35) citam Fernando Ortiz (1983) que sugere ‘transculturização’. Segundo ele, o termo “envolve dois movimentos: um de desculturização (desenraizamento parcial de uma cultura anterior) e outro de neoculturização (criação de novos fenômenos culturais)”. No entanto, se o termo sugere a perda de uma cultura anterior (desculturização), esse não é o adequado. Conforme Hall (2001, *apud* COX e ASSIS PETERSON, *op. cit.*, p. 36), o termo apropriado seria ‘transculturalidade’, cujo sentido é de que não há perda de uma cultura em detrimento a

outra, ou absorção desta, mas uma “negociação e mudança cultural”. Para ele “as pessoas são irrevogavelmente traduzidas”.

Para Maher (2007, p. 83), outro fenômeno voltado à diversidade cultural que sem dúvida caracteriza a identidade é a ‘interculturalidade’, tal afirmação se dá balizada por várias pesquisas etnográficas feitas para compreender as implicações da função da linguagem na identidade cultural do ambiente escolar. Para a autora, as identidades culturais não são fixas e uniformes, o que ocorre na sala de aula é uma mistura, um conflito de culturas, resultando em influências e mudanças recíprocas, como ocorre com a língua segundo Maher (*op. cit.*).

Palavras como complexidade, reciprocidade, inter-relações, transformação, heterogeneidade, entre outras que caracterizam diversidade, estão sempre muito presentes nas tentativas de conceitualização de identidade, cultura e língua. Todas estão intrinsecamente ligadas à interação social. É com base nesses conceitos e com a contribuição de outros teóricos que se somarão a esses, que se passa para a análise da fala do entrevistado, considerando a realidade de diversidade de Roraima.

3. Do ponto de vista indígena...

Roraima é marcado pela diversidade linguística e cultural, provas disso são: o convívio das diferentes etnias indígenas e não indígenas; a presença de migrantes de toda parte do país, além da situação geográfica de tríplice fronteira, Brasil, Venezuela e Guiana, o que promove uma identidade muito peculiar ao estado. Nesse contexto, é interessante saber o que um indígena tem a dizer sobre o assunto, ao que lhe foi perguntado em entrevista previamente marcada “Como você vê a identidade, a cultura e a língua do estado de Roraima?”. A seguir, um fragmento da resposta recebida:

Com relação aos temas Identidade, Cultura e Língua, eu creio que a língua é fator preponderante sobre todas as coisas, porque através dela se expressa a sua identidade, a sua cultura e... suas relações de convivência. Já a identidade é, realmente, formada por elementos... onde a própria língua é elemento principal... ela já tem, em Roraima, a somatória de todos esses costumes e tradições de outras regiões do país, somada também aos costumes tradicionais dos povos indígenas... A cultura, digo, Identidade do povo roraimense é uma somatória dessas culturas, dessas línguas,... inclusive que foi bastante influenciada... então, nasce praticamente dessa conjuntura, versátil (o entrevistado dá bastante ênfase)... mostra a identidade do povo roraimense, muita versatilidade, não é algo puro e indivisível não, é algo bastante... muitos elementos com-

põem essa identidade né?... você pode ver nas fisionomias, costumes, tradições. (...)... não é algo que ao longo dos anos atinja um ápice inimaginável,... um estágio melhor ou... depois declínio... enfim, há uma dinâmica. O ideal seria que essa dinâmica fosse simplesmente para favorecer a todas as sociedades.

O entrevistado abre sua fala dizendo que “a língua é fator preponderante sobre todas as coisas, porque através dela se expressa a sua identidade, a sua cultura e... suas relações de convivência”; nota-se que o índio sabe, assim como Geraldí (2003, p. 78) que a língua é

produto de um trabalho do qual ela mesma é instrumento. Resumidamente, a língua enquanto esse produto de trabalho social, enquanto fenômeno sociológico e histórico está sempre sendo retomada pela comunidade de falantes.

Neste sentido, como frisa o entrevistado, a preponderância da língua se faz de forma relativamente autônoma; quanto à expressão de sentimentos, ideias e propósitos; mas guiada pelo conhecimento de mundo, pelas imposições da sociedade, como bem colocou Geraldí (2003). Assim, passa a ser a responsável primeira pela transmissão da cultura de um povo. Para Silva (2000, p. 93) ao se

dizer algo sobre as características identitárias de um grupo, achamos que estamos simplesmente descrevendo uma situação existente um “fato” do mundo social. O que esquecemos é que aquilo que dizemos faz parte de uma rede mais ampla de atos linguísticos que em seu conjunto contribui para definir ou reforçar a identidade que supostamente estamos apenas descrevendo.

A relação da fala em estudo com o pensamento de Silva é a de que as características identitárias perpassam o discurso assim como frisou Freitas (2008), o que mostra afinidade entre a linguagem e a identidade e contribui para a construção dessa identidade.

Vê-se, ao tentar definir identidade, que o indígena sente a necessidade de retomar o valor da língua: “onde a própria língua é elemento principal”. Prossegue explicando que identidade em Roraima é “a somatória de todos esses costumes e tradições de outras regiões do país”. Essa ‘somatória’ seria uma possibilidade de um deslocamento de identidades de povos de outras regiões do país? A identidade de Roraima estaria passando por uma crise? Woodward (*op. cit.* p. 19) diz que “...quase todo o mundo fala agora sobre «identidade». A identidade só se torna um problema quando está em crise, quando algo que se supõe ser fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”.

Conforme a autora, no momento em que uma sociedade apresenta uma quebra da normalidade, ou seja, algo que se presumia fixo passa por

um deslocamento, por ressignificação, o que ela chama de ‘crise’, essa identidade passa a ter mais valor. Talvez esse fosse um momento de maior importância para se estabelecer esse conceito de identidade para Roraima, ou apenas percebido neste momento algo que já se estabeleceu como característica identitária desse povo, a diversidade.

Quando o indígena fala que a “Identidade do povo roraimense é uma somatória dessas culturas, dessas línguas” refere-se, sem dúvidas às identidades trazidas por cada um dos imigrantes, que somadas “também aos costumes tradicionais dos povos indígenas...”. Como diz o entrevistado, e acrescenta-se ainda, aos do povo roraimense não indígena também, formam a possível identidade de Roraima, demonstrando a visão de Woodward (2000).

Ao falar que há uma ‘somatória’ de culturas e de línguas na construção da identidade do Estado, o entrevistado nos leva a perceber claramente a constatação do fenômeno da transculturalidade de Hall (*op. cit.*), no qual não há perdas anteriores, mas uma negociação entre as culturas.

A identidade do povo roraimense “nasce praticamente dessa conjuntura, versátil”, diz o entrevistado com muita ênfase e retoma que essa identidade mostra “muita versatilidade”; que “não é algo puro e indivisível não...”. Ora, se vivemos em contínua interatividade social, é natural que nossas representações sejam o resultado dessa interação e nossa identidade seja a ressignificação dessas culturas, a ‘somatória’ delas como disse o entrevistado. Para Woodward (*op. cit.*, p. 17), a “representação inclui as práticas de significação e sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito”, a construção do que somos e do que queremos ser dá-se por meio dos significados produzidos a partir das significações.

A representação entendida como elemento cultural constitui também estreita relação com o discurso o que permite criar espaços nos quais os indivíduos possam se posicionar. Segundo Faraco (2003, p. 65),

uma perspectiva que se sustenta numa compreensão da cultura como fundamentalmente uma realidade de linguagem, que tem, portanto, uma materialidade semiótica, heterogênea, e uma dinâmica dialógica (no sentido Bakhtiniano do termo).

Dessa forma, o autor vê uma inter-relação entre língua, pensamento e cultura, na realização dinâmica do diálogo, formado e transformado a cada momento que é a própria identidade.

O entrevistado, com muita clareza, reforça a heterogeneidade na composição da identidade roraimense “muitos elementos compõem essa identidade né?... você pode ver nas fisionomias, costumes, tradições...” Essa diversidade de ‘elementos’, caracteriza a presença marcante de aspectos que vem ao encontro da teoria da identidade e da diferença, o chamado multiculturalismo que conforme Silva (*op. cit.*, p. 73), “apoia-se em um vago e benevolente apelo à tolerância e ao respeito para com a diversidade e a diferença”. As teorias de Woodward (*op. cit.*, p. 17) mostram que são os significados dados pelas representações, no caso da fala do tuxaua, os ‘costumes’, as ‘tradições’, que dão sentido à nossa experiência e àquilo que somos.

A fala do índio confirma a teoria de que a identidade e a diferença estão estreitamente unidas ao conceito de representação, “são tomadas como fatos da vida social diante dos quais se devem tomar uma decisão”, Silva (*op. cit.*, p. 73), do ponto de vista da diversidade, elas tendem a ser naturalizadas, cristalizadas, essencializadas. Segundo o autor (*op. cit.*, p. 81),

A identidade tal como a diferença é uma relação social... sua definição-discursiva e linguística – está sujeita a vetor de força, a relações de poder. Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas.

Freitas (2000) partilha desta teoria com Silva quando diz que as situações de conflito dão-se principalmente pelas relações de poder político e econômico. Portanto, reafirma-se que não se pode construir sozinho uma identidade, uma vez que ela é o resultado de uma interação social indissolúvel com a diferença, ou seja, ambas são dependentes uma da outra.

O índio, tuxaua de comunidade, faz uma observação relevante acerca de Identidade “não é algo que ao longo dos anos atinja um ápice inimaginável,... um estágio melhor ou... depois declínio... enfim, há uma dinâmica”, tal conclusão remete ao estudo de sujeito de Hall (2006, p. 10-11) que o faz sob três concepções: sujeito do Iluminismo, “individualista, centrado no EU”; sujeito sociológico, “não era autônomo e autossuficiente, era formado na relação com ‘outras pessoas’ importantes para ele” e sujeito pós-moderno, “conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente” (HALL, *op. cit.*, p. 12). A conclusão do entrevistado passa exatamente pela maneira de ver o sujeito: este foi se transformando e se fragmentando, até chegar ao sujeito pós-moderno, o qual adquire identidades diferentes em diferentes momentos.

De acordo com o autor (*op. cit.*, p. 13), “a identidade pós-moderna torna-se uma ‘celebração móvel’, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”.

Para o índio “o ideal seria que essa dinâmica fosse simplesmente para favorecer a todas as sociedades”. Percebe-se na afirmativa que há uma esperança de que o ‘processo’ chamado identidade, com o seu dinamismo, possa ser favorável, talvez aí esteja implícita a marca dos tantos conflitos entre as raças, movidos pelo sentimento de identidade fixa, una, dura. Tal esperança também é percebida na visão de Freitas (2007, p. 27), quando tratou do Falar Macuxi “sobre o que significa “falar” reconsidera o termo, sugerindo um rompimento de preconceitos, levando em conta a força simbólica que possui na argumentação em prol dos direitos das minorias”.

O percurso da análise levou a compreender que o conceito de identidade reverenciado pelos teóricos apresentados, não é absoluto, é polissêmico, e que o homem, por sua essência social, constrói a própria identidade, e esta, pode, com o passar do tempo, transformar-se em novas identidades.

4. Considerações (não) finais

Ao marcar a entrevista com um índio bacharel em direito e representante da comunidade, acreditou-se que se fosse deparar com um ponto de vista de indignação, acerca do tema, que na oportunidade viessem à tona as mágoas dos conflitos vividos há pouco tempo, conflitos envolvendo índios e arroteiros na Terra Indígena Raposa Serra do Sol.

Embora sabendo da complexidade do tema, a análise apresentou conceitos e discutiu a fala do entrevistado com base neles. O resultado aponta para uma possível relação entre as concepções de identidade, cultura e língua e o ponto de vista do entrevistado.

No campo conceitual, compreendeu-se o enredamento em fornecer conceitos fechados, mas ficou clara a relação intrínseca entre identidade, cultura e língua, especialmente num contexto de diversidade como é o caso do estado de Roraima.

A fala do indígena mostra a necessidade de se desenvolver mais trabalhos discursivos que incluam o conhecimento de língua e de cultura

indígenas, como afirmação da identidade étnica. Assim, a investigação desses valores torna-se o principal caminho para embasar o estudo da identidade de Roraima. Entende-se que estudos neste mote precisam ser feitos, e se possível com a participação dos nativos, respeitando a tão peculiar pluralidade cultural e linguística do Estado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, B. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós chegemu na escola, e agora?: socio-linguística e educação*. São Paulo: Parábola, 2005.
- COX, M. I. P.; ASSIS-PETERSON, A. A. de. Transculturalidade e transglossia: para compreender o fenômeno das fricções linguístico-culturais em sociedades contemporâneas sem nostalgia. In: M. C. Cavalcanti & S. M. Bortoni-Ricardo (Orgs.). *Transculturalidade, linguagem e educação*. Campinas: Mercado das Letras, 2007.
- FARACO, C. A. Há vínculos necessários entre língua, pensamento e cultura? In: XAVIER, A. C.; CORTEZ, S. (Org.). *Conversas com linguistas: virtudes e controvérsias da linguística?* São Paulo: Parábola, 2003.
- FREITAS, D. B. A. P. A construção do sujeito nas narrativas orais. *CLIO: Revista de Pesquisa Histórica*, n. 25-2, 2007. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.
- _____. Falar makuxi: Bilinguismo e seus fenômenos. In: ANDRADE, R. C. de; CRUZ, O. S. (Orgs.). *Letras e outras letras*. Boa Vista: UFRR, 2007.
- GERALDI, João Wanderley. O que é língua? In: XAVIER, A. C.; CORTEZ, S. (Orgs.). *Conversas com linguistas: virtudes e controvérsias da linguística?* São Paulo: Parábola, 2003.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de: Tomaz Tadeu Silva e Guaracira Lopes Louro. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- MAHER, T. M. Do casulo ao movimento: a suspensão das certezas na educação bilíngue e intercultural. In: CAVALCANTI, M. C.; BORTONI-RICARDO S. M. (Orgs.). *Transculturalidade, linguagem e educação*. Campinas: Mercado das Letras, 2007.

MELLO, H. A. B. de. *O falar binlingue*. Goiânia: UFG, 1999.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOUZA, O. *Fantasia de Brasil*. As identificações na busca da identidade nacional. Rio de Janeiro: Escuta, 1994.

WOODWARD, Kathryn. A perspectiva dos estudos culturais. In: SILVA, T. T. da. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.